

BUTOH: A POTÊNCIA DAS IMAGENS

**Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus (Unicamp/Faculdade de Educação/
Delart)**

Resumo:

O presente artigo está relacionado à minha pesquisa “Sonho é Criação”, que envolve o estudo simbólico de/e sobre as imagens, a imaginação, a fantasia e o sonho como formas de educação, de conhecimento, de autoconhecimento e de criação em dança Butoh, tendo como perspectiva o corpo como potência expressiva.

Palavras-chave: Dança Butoh; Corpo; Imagem; Sonho; potência.

Acredito que o verdadeiro conhecimento está baseado em nossas vivências, as quais nos movem por sentimentos internos experienciados de forma numinosa. São essas experiências que nos dão a certeza da realidade das coisas que vivenciamos em nossa dimensão física, mental, psíquica, espiritual. A vivência é o caminho; o que permite o conhecimento. Sua essência é a ação porque é de nossos atos que surge o que criamos. A ação é nossa afirmação no mundo. A forma de imprimirmos nossas digitais no tempo e no pó. E nosso corpo é quem inaugura nossa existência na Terra. Como dançarino crio e compreendo através da ação que resulta em dança.

O corpo humano, assim como qualquer corpo, é antes de tudo uma potência energética necessária à existência. Aliás, qualquer porção de matéria é, segundo Albert Einstein (1879-1955), um potencial energético. Sua famosa fórmula elegantemente nos mostra como a matéria e energia são intercambiáveis entre si (cf. Isaacson, 2007, 154-155). $E=mc^2$, a equação mais famosa do mundo, diz que a matéria (m) é energia aprisionada e a energia (E), matéria liberada. O tal do c^2 mostra que existe uma enorme quantidade de energia em cada porção de matéria. Assim cada minúscula porção de matéria contém em si uma gigantesca quantidade de energia. Um grão de areia, por exemplo, tem quantidade de energia aprisionada em si, suficiente para aquecer 10 milhões de chaleiras (cf. Goldsmith, 2002, p. 164-169).

São muitos os tipos de energia e o modo como se expressam e, obviamente se nos tornam aparentes. Calor, som, movimento, radiação (sob a forma de luz, ondas de rádio, raios infravermelhos, microondas, raios ultravioleta, raios-X), são exemplos disso (cf. Goldsmith, 2002, p. 145-146). Similarmente, nosso corpo, como um sistema energético fechado, mas permeável à interação com outras possibilidades de energia, pode manifestar sua potência energética em diferentes nuances. A

necessidade de criar é uma dessas nuances. A arte, portanto, é produto desse desdobramento que costumamos denominar: processo criativo.

A origem desse processo se opera em nossa psique. Muito das produções artísticas surgem a partir de imagens de caráter simbólico, provenientes de nosso inconsciente, e que a psique do artista constela e tenta traduzir, dando estabilidade à imagem, configurando-a em uma obra (cf. Jung, 1985, p. 54-72).

Uma imagem é um símbolo quando significa mais do que indica e expressa, indicando um sentido oculto, obscuro e desconhecido (cf. Jung, 1997, p. 189-190). TAN é a palavra em sânscrito que designa a raiz da dança. TAN é tensão. A tensão é a essência da dança. A tensão muscular que vemos e sentimos no corpo é reflexo de tensão na alma. Tensão de entrega e abandono. Passional. Tensão de transe. É mergulho. Doação. É êxtase. É rodopio. Queda. Elevação.

A dança sempre esteve conectada ao sagrado. Por isso ela existe: unicamente para o sagrado. Dentre as divindades hindus, Shiva é a eminência que dança para destruir o mundo e dessa destruição, recriá-lo.

O que sinto e penso sobre a dança vem de minhas múltiplas vivências com ela, tanto a performance quanto a coreografia. Há também o teatro, o canto, a capoeira; o desenho, o piano, o violão e a percussão; a poesia, a prosa. Fazeres artísticos. Formas de me dizer e desdizer por caminhos não ligados necessariamente ao pensamento racional.

A dança Butoh é um território de possibilidades infinitas onde posso atuar as imagens simbólicas que intuo. Assim, a dança também tem seu caráter simbólico. Em 1990 tive meu primeiro contato com a dança Butoh, e esse encontro transformou radicalmente meu fazer em dança. O Butoh é um estilo de dança contemporânea de origem japonesa nascida nos anos 50, graças aos dançarinos Tatsumi Hijikata e Kazuo Ohno, seus criadores. Hoje é uma dança disseminada por quase todo o mundo.

Conheci e fui conduzido para dentro da esfera do Butoh, pelas mãos de Maura Baiocchi, dançarina e coreógrafa atualmente radicada na cidade de São Paulo. Um dia abri o jornal e li um anúncio de um espetáculo seu com a foto de uma personagem. Algo que pra mim era um pierrô deitado no chão em posição fetal. Extasiado, observei a foto e disse para mim que era aquilo que eu queria fazer. “É isso aqui!”, eu dizia, nem bem sabia direito o que era. Nunca tinha ouvido falar em Butoh nem nada, mas a imagem da foto despertou em mim uma necessidade vital imediata. Aquilo se tornou uma urgência.

O Butoh permitiu que transcendesse os estilos de dança que aprendera até então, cuja linguagem está baseada nas formas. Aprendi a entrar na essência do universo do que é o dançar através da pesquisa da mitologia pessoal¹ e esse universo tem a dimensão de quem o vive.

É curioso como certas coisas se nos anunciam. Penso na noite em que tive a grande visão do que hoje sou e a partir da qual sem que eu mesmo soubesse minha vida tomou o rumo que tem aqui. Durante muitos anos estive esquecido disso.

¹ Maura BAIOCCHI, Butoh: dança veredas d’alma. Palas Athena, 1995.

Perdera o fio da meada. O segredo se ofuscara. Recolhera-se mesmo em íntimo segredo. Gestado, agora se revela. A flor do segredo enfim se abriu em uma grande necessidade de praticar minha espiritualidade.

Meu Butoh nasceu num dia de Oxossi na quadra da escola de samba. Um de meus mestres de dança foi um menino branco de cabelo encaracolado, de uns sete anos de idade. Trajava calça boca de sino rosa, sapatos brancos, camisa clara. Era noite de ensaio da escola de samba. Vê-lo dançando foi uma revelação. Diante da epifania, todas as possibilidades se abriram em mim. Ele dançava um samba que ninguém jamais vira. Ao vê-lo senti-me violentamente arremessado para dentro da dura essência do que eu não me sabia, pois menino, boiava num total desconhecimento de mim. Senti-me suspenso num silêncio estarrecedor. A vaga me engoliu e me revirou como quis; como não deveria. Senti-me à deriva. Aniquilado. Tive febre. Chorei. Vomitei. Fiquei amuado três dias e três noites. Ninguém podia chegar perto. Na manhã do quarto dia, me levantei e voltei para a vida. Aos poucos me esqueci do meu delírio. Coisas muito pesadas me ocuparam na construção de mim. Aos poucos me esqueci. Viver faz isso. Nunca mais pensei no ocorrido e avancei mais e mais sem me dar conta de para onde rumava. Minha dança foi gestada anos a fio, calada, no escuro.

Foi bom não ter pensado nisso. Não são coisas para se pensar. Não são. A dança me atropelou no dribble do menino. Essas coisas não são algo com que se possa discutir ou negociar. Há uma tensão na alma que se impõe e que preciso para me manter vivo. Enquanto ele dançava, o súbito relâmpago sussurrou em meu ouvido meu segredo. Paralisou-me em espanto.

Costumo fazer minhas anotações depois de algum momento de dança. Anotar faz parte do meu entendimento depois de ter tocado o mistério. Anoto para não esquecer. Anoto para lembrar que há algo em mim sem solução. Anoto o que é fugaz, para observá-lo com mais calma à luz da mente do coração, quem sabe, acompanhar sua transmutação em mim. Sinto o terror e o fascínio pelo o que se oculta em cada gesto que danço. Sei que se trata de algo poderoso. Sinto-o e danço com a intensidade e gravidade de quem vai morrer logo em seguida. E cada vez não é a última?

Danço como se fosse me desintegrar, virar pó. Depois de dançar um tempo nesse estado máximo, caio no choro. Autônomo, o núcleo afetivo do mistério se abre como uma ferida quente e pulsante. Lateja no corpo, na vida. Jorra em profusão direta da fonte. É uma dinâmica que não controlo e que me exige completamente. As personas das danças que realizo não são uma coisa à parte em minha vida. São, em verdade, as muitas faces de minha pessoa. Cada uma delas sou eu mesmo noutro estado de mim. Coisa que eu não aceitava até então, pois sentia que aquilo era uma possessão, e eu não gostava. Principalmente por que quando ocorriam, revolviam todo o meu mundo interno e, ao fim, me via desolado. Hoje sei que é uma possessão que ainda me perturba, mas eu gosto.

A dança é a minha natureza. Não tenho como fugir. Aprendo que preciso laborá-la como posso. Que é uma energia que me integra e que me constrói. E que

é ela que me tem. Aos poucos tenho conseguido adentrar esse mistério, que me conecta a tudo, e é tudo o que eu sou e tenho.

Foi através de Maura Baiocchi, dançarina e coreógrafa, ex-professora da escola de teatro da Universidade de Brasília, que conheci o Butoh em 1990. Maura tinha visto um espetáculo do Kazuo Ohno, que tornou-se seu mestre. Maura foi para o Japão e estudou com ele por um tempo. Conheceu também Min Tanaka, dançarino e coreógrafo de Butoh e estudou também com ele. No seu retorno ao Brasil, Maura montou um grupo de trabalho para desenvolver uma metodologia própria, através da qual pudesse transmitir seus conhecimentos sobre o Butoh. Ela aprendera um caminho diferente com cada um dos mestres, e resolveu que iria criar seu trabalho; iria criar um processo de trabalho para desenvolver o seu Butoh. Hoje temos o Taanteatro, dirigido por ela, juntamente com Wolfgang Pannek.

Nesse caminho, ao longo do tempo, num determinado momento do trabalho, nós éramos doze dançarinos e praticávamos no teatro Tuquinha da PUC em São Paulo. Com esse número de pessoas, nossa forma de trabalho, naquele momento, era realizar o ritual de cada um, a cada encontro, com base em nossa mitologia pessoal.

Essa mitologia era trabalhada num ritual e se traduzia nos elementos imagéticos que você quisesse, enquanto os outros componentes do grupo eram convidados a coadjuvar com o responsável pelo ritual do dia.

O ritual consistia numa dramaturgia que poderia ter a dinâmica que quiséssemos. Era um exercício e tanto o de organizar, de alguma forma, o próprio universo mítico imagético num texto, mesmo que breve, que pudesse conter as idéias gerais, o teor e o encadeamento das cenas que gostaríamos de atuar.

Mais que tudo, tínhamos a oportunidade de recriar um espaço onírico, onde podíamos encarnar as personas de nossa alma, de nossos sonhos e de nossa imaginação. Podíamos mesmo dar vazão aos aspectos sombrios e sublimes latentes em nós. Trazíamos todo o material necessário: adereços, objetos de cena, figurino, etc. Distribuía-se as funções de cada um a cada momento do ritual. Sempre tínhamos a possibilidade de dar nossa contribuição pessoal ao personagem indicado e criado pelo mandante do ritual do dia.

Um dos compromissos para a realização dos rituais é que todos nós teríamos que em algum momento das cenas, atuar com pelo menos dois elementos da natureza – fogo, água, terra, ar. A duração desses rituais girava em torno de duas horas no máximo. Maura ficava de fora com um assistente controlando sutilmente os descontroles de cena, tomando notas, às vezes dirigindo um momento ou outro das cenas e administrando o tempo de realização do ritual. Num dos rituais, uma colega do grupo me pediu para que eu fizesse um cavalo, que ela imaginava transitando o tempo todo pelas cenas de seu ritual.

Essa personagem veio como uma grande possibilidade de criação para mim, pois, me senti muito à vontade ao realizá-la. Se assim posso dizer, pude entrar em contato com algum aspecto animal, instintivo em mim que me despertou um grande prazer mesmo de viver. Percebi que o descompromisso pessoal com a imagem do cavalo que nunca me surgira espontaneamente, me deixara livre para fazê-lo

descolado de minha mitologia. Mas, desde que inaugurada sua presença em mim, não mais nos separamos. Havia algum tempo que tinha trabalhado como um dos componentes de minha mitologia pessoal, a personagem de um lobo, por conta da profusão de sonhos com cães enormes que me amedrontavam, e que eu vinha tendo naqueles tempos. Foi meu primeiro trabalho de Butoh.

Mesmo lá, eu sentira aquele tremor de quem se aproxima de suas beiradas; aquele frio na barriga de quem vai passar para além de suas fronteiras e se perder de tudo que sabe e um dia soube. É um sentimento indescritível, mas é algo que me soa muito delicado. Por ser minha primeira tentativa era um trabalho bem tímido, mas foi meu primeiro passo para tentar criar algo que viesse exclusivamente de meu imaginário, e me libertar da forma como um a priori para dançar. Porque até então era o que eu mais tinha dificuldade de trabalhar com a dança, por conta da minha própria vivência com a dança clássica, com o jazz, o afrojazz, o afro, a dança moderna e a contemporânea, além do atletismo e da capoeira. Apesar de já gostar muito da improvisação e me sentir bem à vontade nela. Estava muito marcado por essas vivências e estilos de dança. Por seus gestos codificados e suas frases de movimentos coreografados. Essa tinha sido minha base e meu eixo para minha entrada no mundo da dança profissional. Tudo muito marcado pela forma. O que me dava alguma segurança em minha atuação, e pelo que estou muito agradecido. A estrutura de gestos do clássico era a mais marcante e isto imprimiu suas marcas em meu corpo, porque todo o gesto que eu fazia tinha um algo bem formatado do clássico.

Isso ficou claro quando fui fazer o curso de Butoh com a Maura Baiochi. Penei o diabo porque, quando eu começava a dançar e fazia um gesto, lá vinha a Maura e falava: “Não, isso não, joga fora”. Daí eu fazia outro movimento, e ela dizia: “Isto também é formatado, joga isto fora”. Houve um momento em que me senti imobilizado porque percebi que todos os meus movimentos tinham uma atmosfera do ballet. Parei e não conseguia fazer mais nada. No entanto, carinhosamente, sentindo meu desconforto, Maura então me disse: “Agora você pode começar a dançar a sua dança”. Aquilo soou como um *angelus*. Eu poderia me libertar de toda aquela carga e abrir uma picada nova na mata virgem das minhas criações. E comecei a perceber que existe algo original em mim, e estou nessa descoberta até hoje.

Além de ter encontrado essa maneira de ficar sintonizado com algo que eu não sabia o que era até então; e a coisa flui, simplesmente flui. Eu não preciso pensar em nada. Não é nada racional. É só eu me dispor ao que quer se abrir em mim, e então emergem as imagens. Elas vêm, e foi assim que o cavalo nasceu. Agora, creio que depois de uns dez anos ou até mais, ele ganhou o corpo do Naitan² e, toda vez que eu faço a elegia, é o Naitan que vem me visitar.

Portanto, é possível perceber que o butoísta é um viajante em suas próprias imagens; um astronauta interior que tenta sempre atingir a profundidade não somente de suas imagens pessoais que emergem quando da concepção de sua

² Naitan é um videodança produzida em 2008.

mitologia pessoal, mas procura buscar também o sentido profundo dessas mesmas imagens em seu caráter coletivo, pois essas imagens não são uma criação pessoal e, portanto não nos pertencem: são um patrimônio humano forjado em tempos imemoriais que se atualizam em nossa experiência pessoal. Através de nossa vivência pessoal dessas imagens primordiais, contribuimos com sua atualização e ampliamos o quadro de sua significação ao nível simbólico que é sua característica principal, além de mantermos nossa relação com as energias fundadoras de nossa psique.

A prática da dança Butoh nesse sentido implica na realização de um espaço ritualístico, necessário ao mergulho em nossas imagens. Esse é um espaço mágico em que todos os procedimentos empregados visam criar uma situação de segurança espiritual ao butoísta.

O processo de contato com as imagens muitas vezes é doloroso. Isso vale pela intensidade de nossas investidas corporais em práticas nas quais literalmente mergulhamos de corpo e alma. Não poupamos nada, pois nada temos a perder. Os hematomas são muitos, mas o ganho espiritual é a principal compensação. Ganhamos a resistência de quem se submete aos rituais de iniciação. Individualmente criamos nossas proteções e fazemos nossas orações a fim de nos mantermos inteiros e chegarmos ao final de cada etapa que constitui um trabalho coreográfico.

Inaugurar um gesto autêntico num corpo marcado pela cultura é um grande desafio. Entregamo-nos ao poder e força de nossas imagens pessoais que nos arrastam e nos conduzem a seu bel-prazer. Dias de deserto e solidão na alma. Dói a ferida profunda que não cala, não estanca. Grandes noites do sonho oceânico em que nos encontramos com o sublime, o mistério, o fantástico, o terrível. Nossos fantasmas dormem e jantam conosco.

A intensidade do processo nos fragiliza. O sentimento de morte está próximo. Ficamos doentes. Gripe, pneumonia, contusões. Tudo dói. Criamos calos. A pele engrossa nos joelhos e cotovelos. Aquele corte já cicatrizou mais uma vez. A unha arrancada já está crescendo. Já está na hora de raspamos a cabeça novamente. É lua cheia. Hoje teremos celebração! Damos o passo e então, “era uma vez”...

Então começaram a me ocorrer séries de sonhos impressionantes. E a partir disso, uma nova perspectiva de criação.

O sonho é uma forma de manter o equilíbrio na dinâmica energética psíquica entre a consciência e o inconsciente. Ele pode ser também uma importante fonte de inspiração, pois o sonho é uma fonte de criação, pleno de imagens potentes que nos falam pessoalmente em sua linguagem de símbolos: a linguagem do inconsciente (Jung, 1990, 1997; Franz, 1988; Silveira, 1981).

O que motiva o surgimento de tais imagens são necessidades intrínsecas e espontâneas do processo de individuação que se dá em nós, no sentido de desenvolvermos todas as nossas potencialidades

O sonho fala sobre o seu sonhador. É um instantâneo de sua alma. Nele podemos vislumbrar o rumo que toma ou poderá tomar nossa individuação.

O convívio mais próximo com a mitologia pessoal, despertada no trabalho com o Butoh ainda quando trabalhava com Maura Baiocchi, levou-me a estudar mitologia e a psicologia analítica, no intuito de aprofundar e ampliar o sentido das imagens consteladas, para além do sentido pessoal.

A paisagem do sonho ou de qualquer outra imagem proveniente do exercício imaginativo é de onde provem o roteiro de imagens que permitirão a construção coreográfica que é o resultado da estabilização das imagens que flutuam na alma desse dançarino. Assim foi que o Butoh transformou-se para mim num modo de compreender nosso enigma e preenche-lo de um significado próprio e original. A imagem é uma potência que anima o corpo, que se torna um arco teso: tensão na alma do dançarino.

Os sonhos que se seguem são os que desencadearam esse processo de torná-los dança. Interessa-me aqui mostrar a qualidade das imagens sonhadas, assim como seu potencial artístico. Aqueles com os felinos começaram num momento delicado em minha vida. Até então nunca sonhara com eles. Foi num momento de ruptura e necessidade de uma mudança drástica em minha forma de ver a minha vida. O momento impôs-me um amadurecimento a todo custo. Mais uma vez, abandonar a velha casca dos antigos valores que me conduziram e me serviram de morada até então. A dinâmica de expansão do ser pede mais. É como gerar um novo ser que irá habitar uma nova paisagem. Mais uma vez, pensei fosse afundar e não voltar jamais. Perdido no coração escuro da floresta, senti o pior em mim. E no miolo da noite, os leões me encontraram.

Há uma sequência de três sonhos que dão origem à fase dos felinos. Não sei se posso dizer que os leões e leas, simplesmente tomaram o lugar dos cães que até então habitavam meus sonhos. Essa trilogia inicial deixou-me bastante perturbado à época em que ocorreram, e aos poucos tenho adentrado sua matéria, desdobrando-a como posso.

O primeiro sonho instaurou a aflição:

Estou na vila onde moro. Ouvira no rádio que um circo que passava pela cidade, tinha deixado escapar os leões, exatamente na vila. A notícia deixa todo o lugar tenso. De minha casa ouço os gritos daqueles que topam com eles pelo caminho e são devorados. Em minha imaginação antecipo meu pavor diante de sua voracidade. Sinto-me seguro em casa e sei que não devo sair. Eu não os vejo, mais sei que rondam próximos. Cada vez mais próximos.

O segundo sonho me coloca diante deles e de um enigma:

Estou caminhando pela calçada que vai dar na pequena capela da vila. Chego diante dela e eles estão lá. Um leão e duas leas. A capela está cercada por um alambrado de arame e tem sua porta e janela fechadas. O leão está tranquilo deitado e apoiado sobre seus cotovelos. Uma das leas também deitada a seu lado. A outra está em pé. Eles parecem não me ver. Está sol. Faz calor e a leoa em pé resfolega. Sinto tudo muito calmo. Estranhamente calmo. Olho para a cerca e percebo quão ridícula ela é. Pressinto a fragilidade de minha situação. Lembro que os leões podem alcançar até sete metros com um salto a partir de onde estão. Penso, e isso me dá um calafrio e uma grande aflição, que se ele quiser, numa

piscada, pode saltar de onde está pular a cerca e me apanhar. E sinto que minha hora está por chegar.

O terceiro sonho me colocou em desespero:

Desperto em minha cama e já é dia. Sinto que algo se passa lá fora no quintal. Levanto-me e saio do quarto. Passo pelo banheiro e caminho aflito através da sala em direção à cozinha. Ao chegar à cozinha é noite. Abro a porta que dá para fora e vejo-a. Ela tem minha altura e está faminta. A leoa veio me dar caça. Penso novamente que ela pode saltar de onde está e alcançar sete metros. Ela me vê. Quando penso em fechar a porta, ela já está aqui, forçando-a de fora para entrar. Eu resisto e empurro de dentro para fechar. Ela empurra de fora para abrir. Eu empurro de dentro. Ela empurra de fora. Eu empurro de dentro. Ela empurra de fora...

Há uma energia poderosa em mim querendo vir à tona. Não tenho como negar isso. Se o fizer, serei devorado. À época, o abandono da atividade criativa com a dança, pintura, desenho e música, que são minhas práticas mais constantes, contribuiu para a dinamização dessa energia dessa maneira tão voraz. É uma energia que remete à vivência de minha religiosidade que andava um pouco deixada de lado. Descaminhos que apontam também para um novo sentido e para a percepção daquilo que falta e que não posso viver sem. Mas é um chamado urgente. A fome desses animais é algo urgente. A vida é agora. Ela está em toda parte. A todo o momento. Impossível escapar-lhe. Ela pode nos alcançar num piscar de olhos. Dá o bote quando a razão cochila. É uma energia profunda, negra, obscura, instintiva, visceral. Não me surpreende que essa energia tenha se personificado numa leoa tão imensa e rápida. Não poderia ser melhor. Nem pior.

O processo está em aberto. A vida continua. Dançando me encontro com as energias essenciais. Danço minha alma em convulsão. Danço o caos. Danço o abismo do meu ser. Toda minha ação é uma necessidade. Dançar é desesperadamente ser às últimas conseqüências. É um sacrifício.

*Cordeiro de Deus
que tirais os pecados
do mundo...*

Danço o frêmito no corpo. Danço a fome, a febre, o vício.
Danço ébrio de Deus.

BIBLIOGRAFIA

BAIOCCHI, M. **Butoh, dança veredas d'alma**. São Paulo: Palas Athena, 1995.

JUNG, C. G. **O Espírito na Arte e na Ciência**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Psicologia e Alquimia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **Símbolos da Transformação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

FRANZ, M. L. Von; BOA, F. **O Caminho dos Sonhos**. São Paulo: Cultrix, 1988.

ISAACSON, W. **Einstein**: sua vida, seu universo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOLDSMITH, M. **Albert Einstein e seu universo inflável**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVEIRA, N. da. **Imagens do Inconsciente**. Brasília: Alhambra, 1981.

VIEIRA, C. L. **Einstein**: o reformulador do universo. São Paulo: Odysseus, 2003.